



Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia

Alcidesio Oliveira da Silva Junior¹

Resumo: “*O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao...*”. Ao som de um sax metálico que corta o céu da Itália, sorrisos e danças me alegram. O que une pessoas tão diferentes em tempos onde o luto celebra em valsa triste uma guerra pandêmica pelo mundo? Inspirado em Deleuze e Guattari e afectado por um vídeo no *YouTube* argumento neste texto que um devir-saxofonista em tempos de Covid-19 se torna, portanto, parte do arsenal criativo contra a tristeza que diminui a nossa potência no mundo.

Palavras-Chave: Filosofia da Diferença. Covid-19. Estudos Culturais. Devir. Afecto.

For a becoming-saxophonist: learning to live (with) affections in times of pandemic

Abstract: “*O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao...*”. At the sound of a metallic sax that cuts across the sky in Italy, smiles and dances make me happy. What unites so different people in times when mourning celebrates a pandemic war around the world in sad waltz? Inspired by Deleuze and Guattari and affected by a video on YouTube, I argue in this text that a becoming-saxophonist in Covid-19 times therefore becomes part of the creative arsenal against the sadness that diminishes our power in the world.

Keywords: Philosophy of Difference. Covid-19. Cultural Studies. Becoming. Affection.

1. Primeiros acordes...

Um sopro diferente lança-se sobre o mundo. Ao contrário de outros anos, onde nos equilibrávamos pós-dispersão dos desejos carnavalescos rumo à reorganização de nossas vidas cotidianas capitalísticas e carregadas

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPCAE) e do Laboratório de Experiência, Visualidade e Educação (LEVE/UFPE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5536-064X>. E-mail: ateneu7@gmail.com.



de tonalidades diluídas no tédio, algo emerge com uma força descomunal no ano [atípico?] de 2020. Como que brotando de um olho d'água na cidade de Wuhan, China, um rio caudaloso chamado de “novo coronavírus” se espalha violentamente pelo mundo, nos deixando desarmados diante do seu arsenal. Destruindo a potência respiratória de um corpo que desfalece e desidratando uma sociedade nutrida pela arrogância tecnológica, pelo poder de compra e pelas gotículas de fascismo espalhadas aqui e acolá, o Covid-19 emerge como um grande desafio articulador de forças borradoras de fronteiras.

E é assim que “el coronavirus está poniendo a prueba nuestro sistema²” (HAN, 2020, p. 97), confundindo nossas certezas, produzindo novas formas de olhar o mundo e pondo em movimento aprendizagens de vida [e de morte], pois, segundo Judith Butler (2020, p. 59): “El aislamiento obligatorio coincide com um nuevo reconocimiento de nuestra interdependencia global durante el nuevo tiempo y espacio que impon ela pandemia³”. Um isolamento social que nos tira das ruas, dos abraços, limita a nossa pretensa autonomia vendida com rigor pelo mercado de consumo e que encerra os nossos corpos físicos nos encaixotados cômodos financiados pelos bancos.

O que desejo, neste texto, é explorar despretensiosamente as potências de vida em meio à morte, novas experimentações que repensem a nossa vida no mundo, agitando águas tranquilas e que tragam à tona possibilidades outras de experimentar uma existência embebida na solidariedade, no *afecto*⁴, na alteridade, no senso de coletividade pulsante.

02 de abril de 2020. Perturbado com todas as questões de ordem individual e coletiva que estavam prestes a assombrar com mais vigor o Brasil por meio da pandemia – que começava a se espalhar com mais força nas nossas terras – deparo-me com um vídeo no *YouTube* que aquece meu coração. Nesse, postado no dia 19 de março de 2020, um rapaz de terno branco dança e toca em seu saxofone a música *Bella Ciao* no alto de uma varanda na Itália, alegrando a vizinhança que se deslumbra, acompanhando com palmas o jovem músico. Naquele mesmo dia o país havia se tornado o território com mais mortes causadas pelo coronavírus em todo o mundo e gerava, por todas as partes do globo, uma onda de solidariedade e liberação de afectos.

Como produzir linhas de fuga onde paira uma atmosfera de medo? O que os encontros de múltiplos desejos podem gerar em matéria de esperança? Como se orchestra uma música, quero juntar alguns instrumentos [teóricos] traçando linhas de composição para pensar em um devir-saxofonista para celebrar a vida em tempos tão sombrios. Lanço-me aos afectamentos

² “o coronavírus está testando nosso sistema” (tradução livre).

³ O isolamento obrigatório coincide com um novo reconhecimento de nossa interdependência global durante o novo tempo e espaço impostos pela pandemia” (tradução livre).

⁴ Tomo o conceito de *afecto* de Gilles Deleuze no documentário-entrevista com Claire Parnet chamado *L'abécédair*e de Gilles Deleuze, filmado entre os anos de 1988 e 1989. Para o autor, “[...] os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por ele. O afecto é isso. Será que a música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão? É possível”.



produzidos pelo vídeo neste jovem pesquisador e nas narrativas dos comentários de internautas que também se deixaram ser tocadas para pensar as potências pedagógicas desses currículos em forma de imagem, textos, sonhos, esperança.

2. “Oh Bella Ciao, Bella Ciao, Bella Ciao, ciao, ciao...”

Acredito que nenhuma canção poderia retratar tão bem este momento que *Bella Ciao*, hino tradicional italiano originalmente entoado pelas trabalhadoras rurais do final do século XIX e, décadas mais tarde, costumeiramente tocado nas trincheiras como símbolo da Resistência Italiana contra o fascismo na Segunda Guerra Mundial (BERNARDI, 2018). Ganhando a sua versão em vários idiomas por todo o mundo, a música celebra a liberdade, a força e a resistência contra as tiranias de toda ordem, erguendo-se como um cântico de guerra em múltiplos territórios de contestação sistêmica.

Figura 1 – Saxofonista italiano Daniele Vitale em vídeo do YouTube



Fonte: Print ScreenYouTube, 2020.

Legenda: Vídeo postado no canal do YouTube Daniele Vitale Sax, com título: "Bella Ciao" - BALCONY SAX PERFORMANCE in ITALY

Ao ver a alegria dos italianos e italianas em suas varandas, nos dias mais difíceis, talvez, de suas histórias, quando a Itália havia se tornado o país com mais mortes em todo o mundo, ultrapassando a China, penso na rememoração da vitória contra o aprisionamento da(s) liberdade(s) que *Bella Ciao* causa e me pergunto: quais agenciamentos podem ser produzidos em meio àquele cenário? Quais forças se organizam para potencializar novas formas de existência em meio aos limites impostos pela dor, pelo luto, pela doença? Compreendo junto com Gilles Deleuze e Félix Guattari que “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24). Fomentando, portanto, novos acontecimentos em meio ao encontro das diferenças, das vidas compartilhadas e que geram nascimentos que expandem a capacidade de respirar.



Em uma sociedade adoecida pela tecnologia onde “[...] nuestras máquinas portátiles de telecomunicación son nuestros nuevos carceleros y nuestros interiores domésticos se han convertido en laprisión blanda y ultraconectada del futuro⁵” (PRECIADO, 2020, p. 183), entoar canções e liberar notas de alegria em dias dramaticamente terríveis torna-se o que Deleuze e Guattari chamam de prática de *desterritorialização*: uma “potência perfeitamente positiva” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 89). Uma linha desterritorializada em um corpo que sai do lugar-comum, desconforta-se na servidão, na estratificação de si e dos seus desejos, na solidificação dos seus significados, rumo a uma outra forma de se relacionar, de compor laços, sendo assim, uma “micropolítica da percepção, da afecção, da conversa” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 99).

Penso que esse cenário de risos, palmas, danças, celebração...se transformou em uma multiplicidade intensiva, um processo de movimentos que vão além do espacial ou do temporal, mas, que naquele grupo, desdobra-se, desenrola-se, desenvolve-se e faz com que haja uma mudança de natureza (TADEU, 2004). Uma nova composição de forças rompe como um grande “território curricular” (PARAÍSO, 2018), pois compreendo, à luz dos Estudos Culturais, que as aprendizagens se desenvolvem em espaços diversos, costurando linhas de produção múltiplas de subjetividades. Assim, nesse cenário de cura das almas em meio à pandemia, percebo sim um currículo, linhas de (des)formação de sujeitos, pois ele “[...] agencia forças e faz ver e sentir o belo que é aprender, viver e expandir” (PARAÍSO, 2018, p. 47).

Se são os movimentos de vida aqueles que liberam forças e, de maneira relacional, desabrocham como perfume de esperança, penso que, lançando mão da mudança de fluxos proporcionada pelas imagens do vídeo, um *devir-saxofonista* urge para nos ensinar a viver em tempos tão difíceis como esses. Já que “[...] o devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 18), pensemos o devir como um movimento de aliança e de trocas das partículas que compõem as nossas formas de ser e estar no mundo. Alteremos a nossa disposição rumo às mais belas composições capazes de contagiar, assim como um vírus – mas desta vez uma epidemia de afectos potencializadores – produzindo danças animais, rebeldes, sorridentes, extravagantes no sórdido mundo. Visto que “[...] todo devir é intenso, decorre dos afectos, dos encontros e das trocas moleculares entre corpos” (GOMES, 2002, p. 64), o *devir-saxofonista* é capaz de celebrar com sons metálicos sob qualquer céu, especialmente os que chovem lamentos, cruzando varandas de isolamento e a vontade de encarcerar múltiplas formas de vida.

Não proponho aqui nenhum modelo, pois “devir nunca é imitar”

⁵ Nossas máquinas de telecomunicações portáteis são nossos novos carcereiros e nossos interiores domésticos se tornaram a prisão suave e ultraconectada do futuro”. (tradução livre).



(DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 113), mas, da ordem de uma aliança, é a forma mais livre e não repetível de experimentação das diferenças, da troca entre partículas que *deformam a forma dura* em função da *força livre*. Agitar bandeiras, trocar sorrisos...que liberação extraordinária de possibilidades de agenciamentos desejantes [e desejados] que fluem daquelas varandas italianas, como linhas curriculares extravagantes! Pensando o currículo como uma composição, Paraíso (2015, p. 50), argumenta que:

Se a *forma* paralisa o movimento, a *força* é deformadora das formas, mobilizadora da diferença e agenciadora de devires. A força é instância condutora de movimentos que possibilitam deixar de ser. A força é fluxo que nos faz cair na linha de fuga de um devir. Ela é instância mobilizadora de encontros potentes que permitem encontrar a diferença de cada um. (grifos da autora).

Como um movimento de *vir a ser* que se efetua sempre entre os estados, apontando para processos, velocidades, ritmos, cadências, o *devir-saxofonista* como atividade mobilizadora de esperança se acentua como possibilidade em tempos de Covid-19, como um “[...] *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 31, grifo dos autores). Agenciamento potente para as multiplicidades, visto que “não existe um Ser, dado de uma vez por todas, que atravesse os entes: existe produção ontológica através dos universos de referência, das práticas sociais, analíticas, estéticas” (GUATTARI, 2016, p. 102), destacando os encontros impactantes que temos durante os percursos em vida e que são importantes para as nossas elaborações subjetivas.

Uma cena, em particular, chamou muito minha atenção no decorrer do vídeo (00:00:30). Uma mulher, que se encontra sozinha na varanda de sua casa, agita um balão em formato de coração ao som de *Bella Ciao* enquanto, ao lado, a bandeira da Itália é agitada pelos ventos... Quão potentes são os encontros que nos mobilizam para nos desterritorializarmos e expandirmos a nossa presença com vida no mundo! Pensando no ser no coletivo, Deleuze e Guattari vislumbram o que pode se dar em meio a esses agenciamentos, “pois o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (2012b, p. 22). Ainda segundo os filósofos, “os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 18), promovendo atravessamentos gloriosos de disparos que cortam os céus mais endurecidos, cinzentos, hediondos.

São flechas que dançam ao som de um *devir-saxofonista*, que não se limitam nem espacialmente e nem temporalmente, desobstruindo as linhas endurecidas da violência, seja do Estado, do sistema doentio capitalístico ou de qualquer outra forma que tente diminuir as potências de existir. A seguir procurarei desenvolver mais os afectamentos causados em mim e nos outros/as, por meio das escritas dos comentários no vídeo que aqui trago,



demonstrando que práticas de solidariedade e de estilização de si por meio da escrita produzem múltiplas subjetividades.

3. Disparando *escritas-flechas* que afectam

Alguns comentários de internautas em reação ao vídeo do saxofonista italiano podem ser reunidos neste grande cesto de flechas carregadas de afecções⁶ em busca da expansão da solidariedade. Enquanto vivenciamos tempos de abraços e apertos de mão suprimidos pelo medo da contaminação do novo coronavírus, bem como substituímos essas práticas de socialização pela digitalização dos laços, as narrativas emergem com força nesses outros espaços de convívio social.

Concordo com Guattari (1992) ao argumentar que a informática e as tecnociências são produções maquínicas de subjetividades, ou seja, “a maneira como o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 236). Dessa forma, percebo como interações produtivas tanto a leitura desses comentários, quanto o próprio ato de escrever, correspondente a um exercício com potentes aprendizagens subjetivas.

Um dos usuários escreve o seguinte: “Minha querida avó italiana disse uma vez: A vida não está prestes a esperar até que a tempestade passe, a vida está prestes a aprender a dançar na chuva” (tradução minha), obtendo 795 curtidas de outros/as internautas. As 18 respostas a esse comentário sinalizam para as interações carregadas de afectos, de correspondência, de desejos mútuos de tempos de alegria que surgem de diversos países, enunciados na postagem, pois “ler é traduzir. Interpretar é traduzir. E toda tradução é produção de novidade de sentido” (LARROSA, 1996, p. 158), além disso, “[...] traz lembranças do passado que são os alicerces da morada interior, lança luz em caminhos outrora ocultos na alma e aponta para novas perspectivas” (SILVA JUNIOR, 2017, p. 57). Cada narrativa dançante nos comentários dos vídeos, portanto, desenvolve formas diferentes na capacidade de afectar e deixar ser afectado/a, sendo potentes para a valorização das diferenças e a aglutinação em torno de projetos, paixões e desejos compartilhados.

Obtendo cerca de 4 mil curtidas, um outro usuário diz: “Crianças no futuro. É assim que as pessoas na Itália tentam se divertir durante o surto de coronavírus. Não fique deprimido com suas lutas. Sejam fortes”. Antevendo a recepção do vídeo em gerações futuras, rompendo com limites temporais arregaçados pela cibercultura, o comentário produz práticas afirmativas de vida, delineando-se como flechas potentes em um porvir. Uma das respostas

⁶ “Numa primeira determinação, uma afecção é: o estado de um corpo enquanto sofre a ação de um outro corpo [...] A affectio é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro que vai acolher a marca do primeiro. Toda mistura de corpos será chamada afecção” (DELEUZE, 2019, p. 44, grifo do autor).



ao comentário relembra os comunistas italianos que cantavam *Bella Ciao* na guerra contra o fascismo e que a música nos dá esperança em tempos sombrios rumo a um futuro melhor. Os processos de fortalecimento mútuo em tempos difíceis emergem com força por meio da linguagem colocada em movimento pelo vídeo, pois, para Deleuze e Guattari (1992, p. 213, grifo dos autores), a obra de arte “é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos”. Sendo uma afecção entre vidas, penso que os encontros, oportunizados pela música, são capazes, a luz de Deleuze (2019), de aumentar a potência, como uma prática experimental.

O que une pessoas tão diferentes em tempos onde o luto celebra com uma valsa triste uma guerra pandêmica pelo mundo? Estaríamos nós traçando um plano comum, uma comunicação entre as nossas singularidades? Acredito que a conexão entre corpos por meio dos afectamentos mútuos são possíveis quando rompemos com práticas individualistas, típicas de uma “subjetividade capitalística” (GUATTARI, 2016) e nos permitimos, pelo atravessamento marcado pela alteridade, construir pontes que são diferentes do que está posto aí fora e retroalimentado pelo mercado, pela mídia e pelas tecnologias das emoções dispersas, tão próprias da contemporaneidade. Para Kastrup e Passos (2013, p. 267); “é comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo”, sendo aquilo que nos congrega em meio às mais belas plumas da(s) diferença(s).

Penso, junto com Foucault (2004), que a escrita de si, tão presente nos comentários impactados pelo vídeo e pela pandemia causada pelo Covid-19 no mundo, tem um importante papel para o sujeito na formação de si mesmo. Por meio da escrita, ao compormos nossas histórias, rememormos nossas experiências, divagarmos em torno dos nossos sentimentos, somos levados a projetar nossos olhos para o que temos de mais resguardado, aguçando melhor a estilização da nossa existência no mundo. Escolher as palavras na composição da escrita é materializar os afectos que nos atravessam em torno de novos devires. Para Foucault (2004, p. 147), a escrita, entre os gregos, estava associada ao “[...] exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real”.

Assim, como em um exercício de debruçamento sobre a própria alma, as escritas encontradas nos comentários dos vídeos podem ser vistas como uma materialização do plano comum em meio às diferenças, pincelando as heterogeneidades em um grande quadro de alteridade. Em meio ao doloroso isolamento social promovido pelo novo coronavírus, as narrativas que se desenvolvem em resposta ao vídeo do saxofonista italiano espalham-se como uma rede potente de expansão da vida por meio de encontros que celebram a esperança, visto que “[...] sempre se precisa de ajuda de outro na elaboração da alma sobre si mesma” (FOUCAULT, 2004, p. 155).



4. Últimos acordes...

Estas linhas (des)encontradas de um desejo abundante fluindo do coração de um pesquisador apaixonado pela escrita servem como acordes em uma orquestração de múltiplos corações que se abraçam nas noites penosas, sem estrelas, da maior pandemia que esta geração já presenciou. Estar na internet e ali ser afectado por outros e outras que rompem os limites impostos pelo isolamento social, mostra-se como uma producente entonação musical dos nossos dias, transformando formas de ser e estar no mundo.

Como um grande território curricular onde múltiplas linhas se espalham rizomáticas na expansão dos desejos e da vida, compreendo os afectamentos em rede como um arsenal – utilizo propositadamente esse termo bélico – que podem causar novidades nas multiplicidades que não se limitam aos corpos físicos encarcerados, mas que rompem como uma aurora belíssima de esperança. Estes novos agenciamentos se movem na singularidade de um acontecimento, pois esse, mesmo microscópico – ali na frente de um vídeo de um saxofonista entoando uma canção de resistência no dia mais terrível do isolamento social na Itália – “[...] estremece o equilíbrio do poder local” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 34), espalhando-se por todos os lados.

Um *devenir-saxofonista* em tempos de Covid-19 se torna, portanto, parte do arsenal criativo contra a tristeza que diminui a nossa potência no mundo, “afinal no devir-artista tudo é possível, tudo é permitido porque seu trabalho é inventar outros possíveis. A criação é a própria matéria para inventar o mundo” (PARAÍSO, 2015, p. 55). Portanto, aceitemos mais um conselho – nada prescritivo, mas um aconselhamento sustentado na singularidade dos acontecimentos – dos filósofos Deleuze e Guattari, para que eu finalize esse texto: em tempos como esses, enfatizo, “[...] faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha. Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48). Já somos um emaranhado de esperanças....

Referências bibliográficas

“BELLA CIAO” – BALCONY SAX PERFORMANCE in ITALY. Publicado pelo canal **Daniele Vitali**. 1 vídeos (2m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BSWYSww-RIY>. Acesso em: 27 maio 2020.

BERNARDI, Renan. Da luta do povo italiano ao mainstream: conheça a(s) história(s) por trás de “BellaCiao”. **Tenho mais discos que amigos**. 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2018/09/19/bella-ciao-significado/>. Acesso em: 27 maio 2020.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, P. (org.) **Sopa**



de Wuhan. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 59-65.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 1 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012a. 3 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012b. 2 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012c. 4 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Peter PálPelbart e JániceCaiafa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012c. 5 v.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981).** Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V – Ética, sexualidade e política.** Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GOMES, Paula Basso Menna Barreto. **Devir-animal e educação. Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 59-66, jul./dez. 2002.

GUATTARI, Félix. **Caosmose.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Confrontações: conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

HAN, Byung-Chul. **La emergencia viral y el mundo de mañana. In: AMADEO, P.(org.) Sopa de Wuhan.** Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 97-112.



KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013.

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Direção Pierre-André Boutang. Produção de Éditions Montparnesse, Paris, 1988-1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sFOgYz2n3pU>. Acesso: 23 jun. 2020.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 133-161.

PARAÍSO, Marlucy. Um currículo entre formas e forças. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 49-58, jan./abr. 2015.

_____. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.p. 23-52.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendodelvirus. In: AMADEO, P. (Org.) *Sopa de Wuhan*. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 163-185.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. A leitura como despertador do ser. In: **Revista dEsEnrEdoS**, n. 28, p. 55-57, dez., 2017.

TADEU, Tomaz. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais, 2004.

Como citar este artigo:

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia. **Áskesis**, São Carlos - SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 108-117, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.474>

Data de submissão do artigo: 29/05/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020